

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III — Número 936

Sabado, 10 de Dezembro de 1921

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegraphico: Telhaha-Lisboa. Telefones 5339-0

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

SALARIOS

A lei da procura e da oferta

Dadas as condições em que actualmente as sociedades são organizadas, o trabalho está sujeito, como qualquer mercadoria, à lei da oferta e da procura.

Digamos de passagem que esta lei não é de forma nem imutável nem superior à vontade do homem como a lei de gravitação, no espaço sideral ou a das proporções definidas nas combinações químicas. Ela é a consequência natural dum processo de organização social e económica. Transformada esta organização, estabelecida a nova sociedade numa base justa e moral que hoje não existe, a lei da oferta e da procura fica naturalmente eliminada. Isso será um facto quando no quadrante dos tempos for marcada a hora do advento do novo estado de coisas que a humanidade anda laboriosamente preparando.

Essa lei rege e regerá o valor do trabalho — isto é: o salário — só, como diz Guesde, enquanto os trabalhadores não estiverem na posse do capital.

O valor das coisas depende da quantidade de trabalho para as produzir ou alcançar. E, na opinião de Bossi, a quantidade de trabalho não é representada apenas pelos dias de trabalho pagos para obter os produtos: Ela compreende o trabalho propriamente dito e o trabalho acumulado — quer dizer — o capital.

As matérias primas, as máquinas, as ferramentas que o homem produz e aplica à criação de novas riquezas, constituem o que em economia se chama — capital — porque são realmente trabalho acumulado. Mas, por um desses absurdos, por uma dessas grandes injustiças em que esta sociedade é fértil, esse trabalho acumulado, esse capital está exactamente nas mãos de quem não trabalhou!

Daqui vem o atribuir-se ao capital um lucro e ao trabalho, uma remuneração: o salário.

Essa remuneração, esse salário oscila, segundo Leroy-Beaulieu, entre a utilidade do trabalho e a facilidade de o pagar, dum lado, como limite máximo e o custo da sustentação do trabalhador, como limite mínimo, do outro.

A sustentação do trabalhador — isto é — os meios de se manter e perpetuar a sua espécie, é o preço natural do trabalho.

O preço corrente do trabalho seria o determinado pela procura e a oferta.

Este preço corrente tende a aproximar-se do preço natural; mas, se o trabalhador não sabe por

experiência, que este último nunca é atingido... ou raríssimas vezes o é.

Entendamos certos economistas que o salário deve ser determinado pelo custo da produção da força de trabalho, baseado-se em que, sendo o valor de qualquer mercadoria apreciado pelo custo da sua produção, a mercadoria trabalho deve igualmente ser avaliada pelas despesas de sustentação do operário e sua família, isto é: pelo que lhe é necessário para ele próprio subsistir e para educar o número de filhos bastante para as urgências da sociedade. Tal é em resumo a teoria de Turgot e de Ricardo.

A concorrência entre os fornecedores da mercadoria trabalho deve ser muito mais rude e excitada (*bun plus abre et acharde* — diz Leroy-Beaulieu) do que entre fornecedores de qualquer outra mercadoria; e isto por causa do instinto sexual: pois que é mais fácil fazer filhos que capitais.

Outros economistas defendem a teoria de que o preço do trabalho, sendo função da lei da oferta e da procura, é o resultado do choque, digamos assim, entre a oferta de braços disponíveis para a laboração e a procura representada pelos capitais suficientes para pagar essa laboração. Argumentam os propugnadores desta teoria — Stuart Mill à frente de todos — que o capital não pode manter-se, empregá-lo e ganhar a sua pizana, que é o juro, a não ser com a condição de fazer trabalhar.

Uma terceira teoria é sustentada por outras notabilidades na ciência económica. Essa teoria mais recente e mais geralmente seguida na prática é a que estabelece que o elemento principal da determinação dos salários é a produtividade do trabalho.

Essa produtividade não só aumenta a utilidade do trabalho mas facilita ao comprador dele, o pagá-lo; e portanto aumenta o que activa a sua procura. Logo, diz Leroy-Beaulieu, essa produtividade influi consideravelmente tanto sobre a regularidade de ocupação do trabalhador como sobre a taxa dos salários.

Eis, pois, esquematicamente, os princípios basilares da teoria da procura e da oferta.

Extorção feita pelo capital ao trabalho: os preços, que, estamos todos a ver, tendem a aproximar-se do preço natural e que não conseguem pôr inteiramente à vontade, os compradores do trabalho, sobressaem-lhes as consciências assustadas...

José Carlos de SOUSA.

PROBLEMAS DE ORGANIZAÇÃO

Revolutados e revolucionários

E' indubitável que a classe operária constitui uma força, quando interessada em movimentos gerais de defesa dos seus interesses imediatos. E por muito grande que seja o nosso desejo de intensificação duma moral superior no seio das massas, sabido é que só as aspirações imediatas determinam a sua acção.

Boa ou má, esta acção é sempre o reflexo de duas forças fundamentais: a organização e a educação revolucionária.

A educação revolucionária das massas trabalhadoras, depende em grande parte, da grande cultura que possuam. E' necessário criar uma mentalidade colectiva mais vasta, mais perfeita e fecunda, para que a educação revolucionária se desenvolva, tão certo é não se poder conseguir a assimilação das grandes concepções morais, filosóficas ou sociológicas, quando os cérebros não possuem a prévia, mas necessária preparação intelectual.

E' claro que há uma profunda distinção entre as criaturas que são simples revoltados e aquelas que são revolucionárias. Revoltado é todo aquele que, não tendo mesmo cultura alguma, manifesta o seu descontentamento ou o seu protesto, pela palavra ou por actos, num dado momento de exaltação, e mesmo quasi permanentemente — se permanentes forem as causas determinantes dessa exaltação — mas que se conforma, logo que a sua situação anterior se modifique, real ou aparentemente, para melhor, ainda que fiquem subsistindo os fundamentos máximos e originários da injustiça social; revolucionário é aquele que defende uma concepção ideológica universal, e que, seja qual for a sua mudança de situação social, procura exercer a sua actividade inteligente, na luta diária, por uma acção sistemática e metódica, conforme com o seu objectivo ideal, nunca se dando por satisfeito, enquanto esse objectivo não for integralmente realçado, ainda que a amargura da perseguição o mortifique, ainda que as decepções sejam permanentes, porisso que é o entusiasmo da sua fé que lhe dá a perseverança e o ilumina na senda revolucionária.

O critério estabelecido para cada indivíduo poderá ser, em certo modo e ressaltada a proporção, aplicado às massas organizadas. Queremos dizer que, assim como há indivíduos revoltados e indivíduos revolucionários, poderá haver multitudes revoltadas e multitudes revolucionárias. Tudo depende da sua mentalidade, cultivada ou analfabeta, esclarecida ou obscura.

A propaganda revolucionária feita entre multitudes ignaras, produz o espirito de revolta e só muito raras vezes o espirito revolucionário. É a propaganda revolucionária produzida os seus efeitos naturais e lógicos, isto é, a consciência clara dum elevado objectivo ideológico do futuro, necessário é que a inteligência colectiva se desenvolva paralelamente.

Observada a maneira como o Estado e os Municípios mantêm a instrução em Portugal, produzindo a infima percentagem de menos de 30 por cento de criaturas a saber ler, não é de estranhar a falta duma mentalidade desenvolvida por parte das massas, e menos de estranhar é, por isso mesmo, que os organismos sindicais da mesma deficiência se ressentam, pósto que é a classe operária a que é mais atingida com essa falta. Apesar, porém, de todos os males e deficiências — remediáveis com o tempo, a educação e a propaganda — não há dúvida que a organização sindical, por virtude das deficiências de carácter geral ainda fraca, é algo respeitável, tanto pela força que representa, como pelo objectivo emancipador que tem em vista.

Mas não sejamos optimistas até ao exagero. Temos ante nós um amplo campo em que as realidades são tudo. E a nossa obra revolucionária, ou assenta em alicerces sólidos, ou de revolucionária só terá o nome.

Portugal operário possui algumas dezenas de milhares de trabalhadores organizados. A nossa observação directa e a nossa experiência indicam-nos, contudo, que no seio desses milhares de trabalhadores, dentro de cada organismo — sindicatos, União de Sindicatos, Federações de Indústria e na própria C. G. T. — é necessário um vasto trabalho de propaganda, ao mesmo tempo que um trabalho complementar de organização se impõe levar a efeito urgentemente, para se conseguir uma vitalidade mais real e palpável, como corresponde ao esforço ingente que a mesma organização tem que dispendir na cruenta luta diária.

E' que, a despeito das tendências e das afirmações de princípios revolucionários que caracterizam a nossa organização sindical, a verdade é que, até agora, a sua acção tem-se demonstrado apenas por um acentuado espirito de revolta, poucos sendo os organismos que se caracterizam pelo espirito revolucionário.

Não são, evidentemente, as muitas greves que demonstram esse carácter, porque poucos são dominados pelo espirito de continuidade — esse espirito que se manifesta por uma directriz moral ascensional, para uma maior e mais desenvolvida mentalidade e consciência revolucionária dos seus componentes cujo exemplo salutar constitui um poderoso incentivo para os organismos que se conservem arduos e alheios ao grande movimento emancipador do proletariado mundial.

Mal comparado, quasi se pode considerar que o que se observa com os indivíduos, em regra, observa-se com os organismos: uns revoltados e outros revolucionários — resultando, assim, uma acentuada inconstância e as concomitantes anomalias, que tanto prejudicam o labor normal da organização no seu conjunto.

Não poderemos nós, os assalariados, promover o levantamento da mentalidade geral, por carência de recursos próprios. Mas dentro das nossas possibilidades alguma coisa podemos fazer, desde que nos dediquemos com alma ao que, pelo menos a nós, nos diz respeito.

Dentro dos nossos organismos residem erros e imperfeições que nos enfraquecem. E como só nós poderemos destruir esses erros, como só nós poderemos — se quisermos... — aperfeiçoar o imperfeito, robustecer o que está fraco, para que a nossa acção do futuro seja impulsionada por uma força real e efectiva, é evidente que por ninguém temos que esperar, nem em mais ninguém poderemos confiar.

Os problemas morais são tão instantes como os que respeitam à organização. Mas como estes tem que ser desde já resolvidos, em futuros artigos trataremos dos que mais imediatamente interessam, apenas para contribuir para a sua solução.

M. J. de SOUSA.

O crime do tanoeiro

As belezas da moralidade e uma valiosa confissão

PORTO, 8 — C. — O assassino do industrial de tanaria Manuel Bernardo Marques da Costa, já confessou o crime.

Chama-se, o criminoso, Francisco Rodrigues de Almeida, de 17 anos, e estava ao serviço da vítima. Porque se deu o crime? Por um acto de vingança, em virtude do patrão, para saciamento dum apetite homo-sexual, querer pela força, praticar um acto de imoralidade na pessoa do rapaz — criminoso, segundo os códigos. Indignado, pela tentativa da ofensa, concebeu a desforra sangrenta. Isto foi o que contou o assassino, que, segundo ele, há dois anos fora grumentemente ofendido no seu pudor por um tal Tobias Rodrigues da Silva, dono também duma tanaria, que o violentara. Mais tarde, aquele devasso tentou, juntamente com Manuel Marques da Silva, fazer-lhe o mesmo, pelo que o rapaz quiz agredir o último com uma rasputilha.

Mais vezes, porém, pensaram em praticar a mesma sodomia forçada; e agora a vítima assassinada, que era conhecida daqueles indivíduos, procurou fazer a mesma desonestidade na vítima sobrevivente...

Pelo que se conclui que os antecedentes imorais do crime, a ser verdade o que disse o criminoso, atenuam muito os seus consequentes lamentáveis, esta depõem contra esta dissolução, esta licenciosidade devassa e repugnante em que uma parte da sociedade humana está a cair. Se as coisas se passaram assim, foi uma lição cruel, mas foi uma lição, que a sã convenção dos tribunais irá corrigir...

O patriotismo deles...

A um jornal disse o sr. Júlio Ribeiro, ex-senador e fagunhudo patriota que aceitaria a intervenção estrangeira pelas mesmas razões que milhares de pessoas a desejam na Rússia.

O sr. Júlio Ribeiro é o tipo completo exacto do patriota. O solo da pátria é inviolável, enquanto eles sejam os privilegiados.

Nessas circunstâncias o estrangeiro é o inimigo. Mas se lhe bolarem nos privilégios o estrangeiro é amigo e deve intervir. Então Júlio Ribeiro e todos os patriotas aplaudirão radiantes.

Percebemos: integridade da pátria, significa integridade de estômago... Ora aqui tem o puro, o genuíno, o inflexível critério patriótico.

IMPRENSA

«O Eco dos Operários»

Recebemos o primeiro número do *Eco dos Operários*, interessante folha quinzenal que se publica em Ponta Delgada. Defende os interesses do operariado micelense.

Auguramo-lhes longa vida.

A questão do inquilinato

A comissão encarregada de estudar as alterações a introduzir na lei do inquilinato tem os seus trabalhos muito adelantados, parecendo que o ministro da justiça fará inserir na imprensa, antes do fim do mês, as bases do novo diploma regulador do assunto, a fim de que o público dele possa ter conhecimento e acoressar quaisquer reclamações.

A EPOCA de ontem publicou um artigo, onde se afirma que Napoleão I era todo pelos padres mas não citou a seguinte frase do referido imperador:

«Estou cercado de padres que me repetem incessantemente que o seu reino não é deste mundo mas que se apoderam de tudo o que podem».

A arte e os artistas

Uma exposição de pintura do sr. J. Pedro da Cruz

O sr. J. Pedro da Cruz não é um pintor que nos satisfaca. Se nós não tentássemos sempre nortear as nossas apreciações pelo espirito de justiça deixavamos, como sol dizer-se, a mão e a lanterna. Bastaria que citássemos aquele grande quadro, *Fragilidade*, que deve ser o enlevo das donas de casa e das mães de bebés traquinas e irrequietos; bastaria que dissessemos ao público que os braços do menino vestido de branco e pernas de boneco de cartão estão desastrosamente desenhados; bastaria ainda fazer uns leves comentários ao colorido daquelle *Cristo* de tez cor de barro cozido e à vacuidade, à ausência de técnica e erros de cor do outro quadro *A hora do chá*; bastaria ainda dizer-se que na sua exposição não existe um interior ou uma figura que mereçam ser expostos, para que o nosso público ficasse com a impressão de que o sr. Pedro da Cruz poderia ter feito para tudo menos para pintar.

Não nos referimos detidamente aos dois desenhos a sanguinea porqua por muitas palavras que empregássemos nunca deixaríamos de concluir que esses desenhos não são desenhos, são duas más fotografias tiradas por qualquer fotógrafo da moda.

Se nós em cima de tudo isto puzéssemos ainda outra opinião desoladora que é a do sr. Pedro da Cruz não ter escolhido um assunto, não ter exteriorizado uma opinião, um sentimento forte, uma impressão tocante, deixá-lo-íamos ainda mais pequenino, mais resumido, mais insignificante no que diz respeito a valor, a cegueira artística.

Não, nós não nos limitamos a dizer mal, porque nem tudo é mau na exposição que se encontra aberta há dois dias na Sociedade Propaganda de Portugal.

Na paisagem revela o sr. Pedro da Cruz alguma aptidão para a pintura. Possui uma certa visão de cor, gosto na escolha dos locais, vontade de transmitir à tela o que se vê, e consegue-o realmente, sobretudo nas telas *Estrada de Monchique*, *Serra da Estrela vista de S. Pedro*, *Barranco dos Pisões* e outras.

Consegue realmente fixar na tela figuras que se assemelham à Natureza. Porém, — e disso não tem o artista culpa, mas o ambiente corrupto em que vivemos — os processos que usa para pintar imagens semelhantes ao que a natureza nos apresenta não são seus, são dos seus professores, dos pintores de todas as escolas que existiram e existem, e que, sem sentimento verdadeiro, sem sinceridade, servindo-se apenas de fórmulas e truques que o exercício da profissão aperfeiçoa, conseguem pintar coisas bonitas, muito bonitinhas.

Hoje fazer Arte já é não fazer coisas bonitas que agradem ao olhito desprevenido de qualquer burguesa.

Arrancada da vida, a Arte, para ser Arte, tem que viver também, fazer vibrar, dizer-nos alguma coisa, transmitir-nos algo de sublime. Esse sublime é a alma humana. A alma — para nós a alma é o conjunto das sensações: pensamento e sentimento — revela-se por inúmeros meios: pela palavra falada e escrita, pela música, pelo gesto, pela poesia, pela pintura...

Ora, o sr. Pedro da Cruz não nos revelou os seus sentimentos, nem o seu pensar por meio da pintura. É esta a missão do artista moderno. O sr. Pedro da Cruz tem qualquer coisa dentro de si que quasi instintivamente o obriga talvez a amar a pintura acima de tudo. Mas, meus amigos, hoje não basta amar para viver uma vida grandiosa de beleza infinita — é preciso saber amar. Só sabe amar, hoje em dia, o que sabe pensar.

O artista, pois, precisa — é a época que o exige — fazer todo o possível por ser ele próprio, por ser sincero; depois deve estudar, pensar qual a maneira de transmitir com sinceridade ao público o que sente. O sr. Cruz não procedeu assim. Gostou da pintura, como as crianças que querem ser torneiros ou carpinteiros — e aprendeu a pintura como quem aprende um ofício; a sua tendência, o seu desejo íntimo adivinha-se: é ser um bom oficial de pintura.

Isso, porém, não é nada, embora as boas vontades, os desejos de perfeição se devam louvar. Não é nada porque a sua arte tornar-se-ia, como é já, perfeitamente inútil.

O pôr do sol, a madrugada, um rio serpenteando entre verduras, um velho de mãos postas, são assuntos banais que toda a gente conhece não só pela realidade, como pelos quadros de milhares de artistas, ou melhor, de oficiais de pintura, que existem espalhados por todo o globo.

Hoje o que o público procura, pelo menos o público culto e de ideias desemopeiradas, é a sensação que o artista produziu determinado aspecto da Natureza; o pensamento do artista ante este ou aquele acontecimento social; o desejo de beleza que o artista sente. E' a alma do artista que nos preocupa. E só assim a arte seria o que deveria ser e que uma frase de Zola tam bem definiu: a Natureza vista através dum temperamento.

Como pode a gente, porém, ver a Natureza através do temperamento do sr. Cruz se ele não tem uma personalidade bem marcada, se ele pinta — permitam-nos a frase — com o temperamento dos outros?

Mário DOMINGUES

As perseguições em Espanha

Os inquisidores continuam na sua tarefa

Satisfeitos com a impunidade que lhes assegura a inércia dos operários dos países vizinhos, os inquisidores de Espanha empenham-se dia a dia, semana a semana na destruição das organizações operárias e no extermínio dos seus militantes.

Todas as semanas temos conhecimento, por cartas, jornais, documentos, de inúmeros pequenos factos que habitualmente passam despercebidos. E como são tão terríveis, entretanto! De 17 a 23 de Novembro (em 6 dias) segundo uma informação muito incompleta, eis os sucessos da repressão:

Em Saragoça, descoberta duma organização sindical clandestina onde se recebiam cotizações. Foram presos: Matias Tejero Perez, carpinteiro, Larraderra Iniguez, Manuel Moreno, sindicados, o que constitui todo o seu crime, António Pellicena e Luiz Cabalado, amigos dos primeiros, o que é também o seu único crime, e cujo caso é considerado como de menor gravidade visto «não terem antecedentes sindicais» (sic).

A greve dos metalúrgicos de Ouro Fegueria (Oviedo), foi esmagada. Os considerados *meneurs* foram presos. Os restantes grevistas entraram nas oficinas com as condições impostas pelos patrões e por ordem de antiguidade. Pavorosa no seu laconismo esta informação! Mas é entretanto para admirar o heroísmo dos operários que, num país em perpétuo estado de sítio, sem imprensa, sem direito de reunião, desprezando incessantes perseguições, se atrevem ainda a fazer greve!

Em Asor (Gorona) um telegrama comunica-nos a prisão de doze operários por delitos sociais, nos mesmos termos, por crime de consciência de classe! — Porque em Espanha há sempre operários para prender! As portas da França é que é o vosso

Horário de trabalho

Escrevem-nos contando que numa obra da fábrica do Conde da Ponte na rua 1.ª de Maio, da qual é mestre o sr. Zacarias de Lima, os operários da construção civil estão desprezando o horário de trabalho, trabalhando 10 horas por dia.

Para o caso chamamos a atenção do respectivo sindicato, de certos que ele não deixará que impunemente indivíduos inconscientes pretendam aniquilar uma regalia que tantas vidas custou.

Machado Santos

Realiza-se no próximo domingo, 18 do corrente, o cortejo fúnebre à memória do vice-almirante Machado Santos, para o qual a comissão organizadora convide todas as colectividades e todo o povo republicano a incorporar-se.

O cortejo sairá da Rotunda, pelas 13 horas, em direcção ao cemitério do Alto de S. João, sendo o itinerário o seguinte: Rotunda, avenida da Liberdade, Rossio, rua da Betegua, rua dos Figueiros, rua da Palma, avenida Almirante Reis e rua-Morais Soares.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao secretário da comissão, sr. Eurico de Jesus, rua António Pedro, 72 r/c. D.

Operários: comprando A BATALHA, assinando-a, conquistando para ela leitores, assegurais o sucesso dum jornal

Página escolhida

No estudo!

Ainda não é chegada a hora de tirar conclusões definitivas da experiência tentada na Rússia. Ignoramos muitas coisas e é-nos difícil avaliar o papel dos diferentes factores nos sucessos e nos insucessos. Mas podemos afirmar isto: o que sabemos não pode abalar o nosso ponto de vista fundamental. Não temos a intenção de desenvolver aqui todos os argumentos que nos fazem convencer de que o aparelho governamental é inapto para realizar uma revolução social, que só é possível pela acção dos agrupamentos operários, tornados agrupamentos produtores. Esta demonstração tem sido feita na nossa literatura muitas vezes. Mas julgamos útil recordar as suas conclusões gerais.

Nós pensamos, como sempre pensamos, que a tomada da posse da terra e dos instrumentos de produção e a gestão da vida económica pelas organizações rurais e operárias, são mais susceptíveis de assegurar o bem-estar material da Sociedade do que os decretos do poder.

Nós pensamos que este modo de transformação é mais adequado a atenuar os conflitos e evitar a guerra civil (porque admite uma maior liberdade e uma maior variedade de organização) do que a introdução, pelas vias de autoridade, de uma reforma unitária.

Nós pensamos que a participação directa do povo na construção de novas formas económicas torna as conquistas da revolução mais estáveis e assegura-lhes melhor a defesa.

Nós pensamos, enfim, que desta maneira se encontra preparado, a par das conquistas económicas e políticas, um estado de civilização superior no ponto de vista intelectual e moral.

Os meios operários franceses possuem um património de ideias e uma experiência de luta suficientes para encontrarem o caminho que conduz mais directamente à emancipação total. Proclamar a queda do capitalismo e o reinado do socialismo é uma grande coisa, e esse mérito reconhecemo-lo ao governo socialista da Rússia. Mas queremos também que o socialismo passe ao estado de prática, que uma era nova comecemos verdadeiramente para a humanidade e que nenhuma arma seja fornecida à reacção por culpa dos socialistas. Para isto nós, os que trabalhamos sobre o terreno francês, devemos aproveitar a ocasião, em que ainda é tempo de cada um se preparar, e entregarmos-nos ao estudo do que podem e devem fazer as organizações operárias «no dia seguinte» ao da revolução.

Consideramos como de toda a importância a mais séria e mais completa discussão de todas as questões concernentes à organização da vida económica no momento em que os operários dela se assenhorearem. Não se trata de debates, nem mesmo de propaganda; trata-se de estudo. Não basta dizer, nem demonstrar, que tal ordem de coisas é desejável; é necessário indicar medidas práticas que sejam realizáveis imediatamente e com os meios de que hoje dispomos.

sejável; é necessário indicar medidas práticas que sejam realizáveis imediatamente e com os meios de que hoje dispomos.

M. ISIDINE.

A onda cresce

O operariado de Lourenço Marques vai aderir à C. G. T.?

A 15 de Novembro foi convocada em Lourenço Marques, uma reunião magna do operariado local na sede do Sindicato Geral, para resolver sobre a adesão à C. G. T.

Ainda não recebemos notícias concretas sobre a deliberação tomada nessa importante reunião, mas tudo leva a crer que a adesão tenha sido votada.

Pode considerar-se como um bom, um admirável sintoma, a convocação da reunião para esse fim.

A organização operária vê constantemente aumentar o número já considerável dos seus adeptos.

O operariado de Lourenço Marques, mostrou o seu interesse pela C. G. T. reunindo-se para deliberar sobre a sua adesão.

Congratulamo-nos com o facto por ele ser demonstrativo do enorme terreno que vai ganhando a ideia de que o operariado só unido-se será forte. De facto é da sua união que ha de resultar o aniquilamento duma sociedade injusta.

U. S. O.

Reunião dos vogais ao Tribunal dos Desastres no Trabalho

Realizando-se amanhã, pelas 10 horas, a eleição das pautas que não de compor este tribunal, a comissão administrativa deste organismo convide todos os camaradas nomeados pelas respectivas Associações a reunirem hoje, pelas 20 horas, no gabinete deste organismo, para assunto que se prende com a referida eleição.

O estado caloteiro

Escrevem-nos a dizer que o pessoal menor do ministério do trabalho não recebe as horas extraordinárias a que tem direito pelo decreto 5516, desde a última vez que o sr. Lima Duque foi ministro.

Dizem-nos mais que o pessoal se farta de andar de repartição para repartição e as propostas para pagamento chovem, o que não vale de nada, pois até à data ainda não receberam coisa alguma.

No ministério do interior passa-se a mesma coisa.

O sr. Maia Piato conserva o pessoal às suas ordens durante 15 e 18 horas e não respeitante a paga, é a mesma.

Mais uma vez se verifica que o estado continua sendo o caloteiro mórf.

Ainda o 19 de Outubro

O dr. sr. Affen da Cruz, juiz auxiliar de Investigação Criminal junto do Instituto de Medicina Legal, enviou ontem ao director da polícia de investigação o relatório da autopsia do dr. sr. António Granjo, que no dia 19 de Outubro foi morto a tiro no Arsenal da Marinha.

O relatório sobre o capitão de mar e guerra Carlos da Maia, está em via de conclusão.

Na mina de Aljustrel

Os mineiros estão submetidos — a uma escravidão odiosa —

O recente desastre na mina de Aljustrel fez jorrar alguma luz sobre a negra exploração a que os mineiros estão sujeitos. O director da mina, sr. António Larot, é o culpado do desastre que pôs em grave risco a vida de dois operários. Não se supunha ser possível atribuir-se o desastre a uma imprudência. Ele sabia que um incidente lamentável podia dar-se. E não o evitou. Não o evitou porque tem em pouca conta a vida dos mineiros. Para o sr. António Larot a morte de alguns mineiros, nada representa.

Acima da vida dos mineiros estão os lucros fabulosos dos senhores da mina. O desastre deve-se pelo motivo de não se ter feito convenientemente o escoramento da mina. E como podia ele fazer-se sem que fossem adquiridas as madeiras necessárias?

Os dois mineiros foram desumanamente tratados. Não lhe fizeram os curativos devidos, nem lhe concederam os cuidados que o seu estado melindroso requeria.

Os mineiros arriscam a vida, extenuam-se cotidianamente, para receber como prémio, um salário irrisório. Quatro ratinhados escudos que não garantem sequer uma alimentação digna do seu trabalho esfolante.

O sr. Larot, director da mina, procede como um autêntico senhor de roça. Apellida os operários de *malandros e mandriões*. Se um operário lhe faz uma reclamação justa, nunca o atende. Limita-se a ameaçá-lo, simultaneamente, com a rua e com prisão.

Tais são, resumidamente expostas, as proezas do sr. Larot, director da mina de Aljustrel.

Pessoal ferroviário

A Comissão de Melhoramentos da C. P. entrevistou-se ontem com o ministro do comércio, devendo novamente ali ir na próxima, terça-feira. Por toda a semana próxima efectuar-se-ão reuniões tanto em Lisboa como na linha para conhecimento do pessoal dos trabalhos realizados até à data.

Também a Comissão de Melhoramentos do Pessoal da «Sociedade Estoril» entrevistou-se há hoje pelas 12 horas com a direcção daquella Sociedade.

PRISÕES

Foi ontem preso ao bordo do cruzador *Vasco da Gama*, a fim de cumprir tr's dias de prisão disciplinar, o primeiro tenente sr. Moreira de Carvalho.

Regime revoltante

Segundo nos informam, o director do Hospital Militar da Boa-Hora, sr. Gomes Ribeiro, tomou a revoltante resolução de não permitir que se vissem os doentes.

Aqui se regista esta estranha atitude para se avaliar do desalento a que chegaram estes militares de pacotilha.

T. M. E.

O juiz sindicante aos serviços dos Transportes Marítimos do Estado teve ontem demorada conferência com o sr. ministro do comércio.

LEDE

NOVE e A VERMELHA

SCIENCIA REDENTORA

Em que ficam os? E' bico ou cabeça?!

Em 4 do corrente diversos jornais de Lisboa, entre eles o *Diário de Notícias*, publicaram o seguinte:

«O *Diário de Notícias* deve, amanhã, publicar o decreto que extingue o Comissariado Geral dos Abastecimentos e cria a Junta da Provisão Pública, que sucede e substitui aquele.»

Isto, disse o também o sobredito jornal do dia acima indicado por

entender o governo que actualmente «abastecimento regular do país em matérias primas e gêneros de primeira necessidade mais comensurados ao nível natural das forças económicas do que sujeitá-lo a forçadas intervenções oficiais contra as quais continuamente surgem justificadas reclamações, e que, na presente ocasião, a acção dos poderes públicos se deve limitar à adopção de medidas tendentes a regularizar os preços de venda dos gêneros de primeira necessidade, de forma a evitar especulações que contrariam a normalização dos mesmos preços, o que se conseguiu com o funcionamento da Junta da Provisão Pública, criada por decreto desta data.»

A seguir, precedendo o projecto de lei relativo à dita Junta, vinha o relatório concernente ao mesmo projecto e no qual se dizia, entre outras cousas, que

«o mal-estar geral e as perturbações constantes em que vive a sociedade portuguesa é a carestia da vida, consequência não só da crise que assolou todo o mundo, mas também da, até hoje, ineficaz acção do Estado e dos organismos defensores dos interesses colectivos contra aqueles que tem contribuído para um tal agravamento.

Reconhece-se que o Estado, embora representando os interesses gerais do país sob a forma de uma autoridade pelos produtores e com a cooperação dos consumidores poderá atacar, com êxito, a causa primária do mal, e que devem ser postos de parte todos os regimes artificiais e viciados até agora seguidos que só tem determinado a rareficação dos mercados, dificultando a produção, dando

lugar a injustiças e incitando ao desrespeito pela lei. E ainda o legislador entende que se impõe uma nova organização dos serviços de abastecimento do país, na qual os superiores interesses do Estado, do produtor e do consumidor sejam igualmente salvaguardados, que esse novo organismo seja, quanto possível, livre de obstáculos na realização dos seus objectivos e que na administração do organismo a maior parte da responsabilidade, intervindo em comum na luta económica, o Estado, o produtor e o consumidor, não só concorrendo para a regularização dos preços, distribuição e venda dos produtos, mas também auxiliando e promovendo a intensificação da produção».

E seguiu, na sua íntegra, o tal projecto criador da Junta da Provisão Pública.

Palavras, palavras e só palavras.

E da grande montanha de palavrório que o legislador acumulou num e outro dos sobreditos e, em parte, transcritos, relatórios, saiu apenas o ratinho da contradição, ficando tudo pior do que antes e o quartel geral em Abrantes.

Quer dizer: O governo reconheceu que o Comissariado Geral dos Abastecimentos, como os respectivos armazéns reguladores, não correspondem aos fins para que havia sido criado e suprimiu-o, de alto e baixo.

Antes disso, porém, e já na prática tida a gente reconheceu o mesmo e uma parte da imprensa jornalística de Lisboa.

Vai então o governo e dá o golpe de misericórdia no Comissariado e, arrastando o consumidor encravado dos armazéns de Scilla espeta com ele em Caribides, isto é, na Junta da Provisão Pública.

Eis senão quando, aparece em scena o sr. Comissário Geral dos Abastecimentos e diz ao governo, em conselho de ministros a que assistia, que os armazéns reguladores de preços do seu Comissariado estão repletos de gêneros alimentícios, o que é menos verdadeiro, esquecendo-se, porém, de dizer como e de que maneira os ditos armazéns influíram alguma vez nos preços do mercado, fazendo-os baixar.

E não o disse nem podia dizer, sem 'altar' à verdade, porque tal facto não deu, antes pelo contrário, como é público e notório, donde se tira, racionalmente e logicamente que os tais armazéns reguladores, uma vez que, depois da sua criação e do seu funcionamento os preços do alimento subiram consideravelmente nos mercados do continente, uma vez, repito, que a vida encareceu depois da sua existência, os referidos armazéns reguladores não regularizaram mas sim desregularizaram os ditos preços.

Neste mesmo tempo, isto é, quando o infeliz consumidor seguia de Scilla para Caribides, surgem reclamações e protestos, duma banda e outra, entram as comadres a ralar, estabelece-se uma confusão medonha nos arraiais da subordinação pública oficial e então o governo arma em javert e reconhecendo para, como é de praxe, deixar tudo pior do que estava, o que me faz lembrar aquela do galego que se enganou quando escreveu ao seu amigo Diogo suprimindo o primeiro o deste nome e que, dando por isso, no final da carta, acrescentou a esta o seguinte *post-scriptum*:

«Amigo Diogo, onde digo digo, não digo digo, digo Diogo».

Foi exactamente o que aconteceu agora pelo que, muito embora o governo tivesse reconhecido e viesse dizer nos jornais que o Comissariado Geral dos Abastecimentos e os respectivos armazéns não prestavam para nada, mas isto em linguagem ou expressões de coas e lagartos, recolheu a fala ao buço, quanto ao dito Comissariado e acaba por lhe dar alentos novos com a

TEATRO SÃO LUIS
Companhia de operetas
de qual faz parte a actriz
AUSENDA D'OLIVEIRA
A célebre opereta italiana
em 5 actos, de Regio, tradução de
José Augusto, música de A. Cusani
JARDIM D'ASPAZIA
Deslumbrantes scenários—Luxuosos
guarda-roupa—Linda musica—
Artística encenação—Brilhantes
efeitos de luz—Magnifico
desempenho

**ASSOCIAÇÃO
DOS
TRABALHADORES DE IMPRENSA**
Para apreciar o pedido de demissão
do presidente e do tesoureiro reúnem-se
os restantes membros da Direcção
da A. T. I. — vice-presidente e 1.º e 2.º
secretários — resolvendo, como lhes
incumbe o n.º 8 do art. 28.º dos Estatutos
(pugnar pelo bom nome da Associação
e dos seus associados) mandar
proceder, por um perito, ao exame da
escrita da Associação e convidar todos
os sócios que tenham conhecimento ou
suspeita de qualquer irregularidade nas
gerências desta colectividade a prestar
esclarecimentos ao presidente da Assembleia
Geral, dr. Campos Lima, que, para
esse efeito, se encontrará na sede da
A. T. I., rua das Gáveas, 59, das 16
às 18 horas de segunda-feira próxima.
Em resposta aos pedidos de demissão
dos srs. Nobre Martins e José Joaquim
de Almeida expediui os seguintes officios:

Presado colega e estimado consócio José
Joaquim de Almeida.

Relembro o vice-presidente e os primeiros
secretários da Associação dos Trabalhadores
de Imprensa para apreciar o vosso officio,
decerado ao presidente da Assembleia
Geral, em que pedis a demissão do tesoureiro,
por iniciativa deliberada do Conselho
no sentido de desistir de tal proposta,
por isso que todos nós temos pelo
nosso colega o maior apreço e respeito,
e, por isso, a sua dedicação inextinguível
a esta colectividade.

A larga publicação, porém, feita nos
jornais, e a carta do vosso antigo
camarada e actual presidente da Associação,
Nobre Martins, obrigou-nos a modificar a
nossa deliberação primitiva. Essa carta
lançou legítimas suspeitas que ferindo o
prestígio da nossa Associação e a honra
do nosso colega, não podíamos deixar
de levar em consideração. E assim, com
os termos do n.º 10 do art. 28.º dos Estatutos,
a Associação resolveu, por unanimidade,
a demissão do vosso colega, e a honra
do nosso colega não foi prejudicada.

Em face das cartas que v. publicou nos
jornais, e a carta do vosso antigo camarada,
Nobre Martins, obrigou-nos a modificar a
nossa deliberação primitiva. Essa carta
lançou legítimas suspeitas que ferindo o
prestígio da nossa Associação e a honra
do nosso colega, não podíamos deixar
de levar em consideração. E assim, com
os termos do n.º 10 do art. 28.º dos Estatutos,
a Associação resolveu, por unanimidade,
a demissão do vosso colega, e a honra
do nosso colega não foi prejudicada.

Presado colega e estimado consócio Nobre
Martins.

Comunico-lhe pelo presidente da Assembleia
Geral o vosso pedido de demissão da
presidência da Direcção desta colectividade,
lançada, sinceramente o facto, pois que
a nossa Associação, muito embora os
seus estatutos, e o vosso officio, e o vosso
prestígio, não podíamos deixar de levar
em consideração. E assim, com os termos
do n.º 10 do art. 28.º dos Estatutos, a
Associação resolveu, por unanimidade,
a demissão do vosso colega, e a honra
do nosso colega não foi prejudicada.

Presado colega e estimado consócio Nobre
Martins.

Comunico-lhe pelo presidente da Assembleia
Geral o vosso pedido de demissão da
presidência da Direcção desta colectividade,
lançada, sinceramente o facto, pois que
a nossa Associação, muito embora os
seus estatutos, e o vosso officio, e o vosso
prestígio, não podíamos deixar de levar
em consideração. E assim, com os termos
do n.º 10 do art. 28.º dos Estatutos, a
Associação resolveu, por unanimidade,
a demissão do vosso colega, e a honra
do nosso colega não foi prejudicada.

Presado colega e estimado consócio Nobre
Martins.

Comunico-lhe pelo presidente da Assembleia
Geral o vosso pedido de demissão da
presidência da Direcção desta colectividade,
lançada, sinceramente o facto, pois que
a nossa Associação, muito embora os
seus estatutos, e o vosso officio, e o vosso
prestígio, não podíamos deixar de levar
em consideração. E assim, com os termos
do n.º 10 do art. 28.º dos Estatutos, a
Associação resolveu, por unanimidade,
a demissão do vosso colega, e a honra
do nosso colega não foi prejudicada.

Presado colega e estimado consócio Nobre
Martins.

Comunico-lhe pelo presidente da Assembleia
Geral o vosso pedido de demissão da
presidência da Direcção desta colectividade,
lançada, sinceramente o facto, pois que
a nossa Associação, muito embora os
seus estatutos, e o vosso officio, e o vosso
prestígio, não podíamos deixar de levar
em consideração. E assim, com os termos
do n.º 10 do art. 28.º dos Estatutos, a
Associação resolveu, por unanimidade,
a demissão do vosso colega, e a honra
do nosso colega não foi prejudicada.

Presado colega e estimado consócio Nobre
Martins.

Comunico-lhe pelo presidente da Assembleia
Geral o vosso pedido de demissão da
presidência da Direcção desta colectividade,
lançada, sinceramente o facto, pois que
a nossa Associação, muito embora os
seus estatutos, e o vosso officio, e o vosso
prestígio, não podíamos deixar de levar
em consideração. E assim, com os termos
do n.º 10 do art. 28.º dos Estatutos, a
Associação resolveu, por unanimidade,
a demissão do vosso colega, e a honra
do nosso colega não foi prejudicada.

Presado colega e estimado consócio Nobre
Martins.

Comunico-lhe pelo presidente da Assembleia
Geral o vosso pedido de demissão da
presidência da Direcção desta colectividade,
lançada, sinceramente o facto, pois que
a nossa Associação, muito embora os
seus estatutos, e o vosso officio, e o vosso
prestígio, não podíamos deixar de levar
em consideração. E assim, com os termos
do n.º 10 do art. 28.º dos Estatutos, a
Associação resolveu, por unanimidade,
a demissão do vosso colega, e a honra
do nosso colega não foi prejudicada.

Presado colega e estimado consócio Nobre
Martins.

Comunico-lhe pelo presidente da Assembleia
Geral o vosso pedido de demissão da
presidência da Direcção desta colectividade,
lançada, sinceramente o facto, pois que
a nossa Associação, muito embora os
seus estatutos, e o vosso officio, e o vosso
prestígio, não podíamos deixar de levar
em consideração. E assim, com os termos
do n.º 10 do art. 28.º dos Estatutos, a
Associação resolveu, por unanimidade,
a demissão do vosso colega, e a honra
do nosso colega não foi prejudicada.

Presado colega e estimado consócio Nobre
Martins.

Comunico-lhe pelo presidente da Assembleia
Geral o vosso pedido de demissão da
presidência da Direcção desta colectividade,
lançada, sinceramente o facto, pois que
a nossa Associação, muito embora os
seus estatutos, e o vosso officio, e o vosso
prestígio, não podíamos deixar de levar
em consideração. E assim, com os termos
do n.º 10 do art. 28.º dos Estatutos, a
Associação resolveu, por unanimidade,
a demissão do vosso colega, e a honra
do nosso colega não foi prejudicada.

Presado colega e estimado consócio Nobre
Martins.

Comunico-lhe pelo presidente da Assembleia
Geral o vosso pedido de demissão da
presidência da Direcção desta colectividade,
lançada, sinceramente o facto, pois que
a nossa Associação, muito embora os
seus estatutos, e o vosso officio, e o vosso
prestígio, não podíamos deixar de levar
em consideração. E assim, com os termos
do n.º 10 do art. 28.º dos Estatutos, a
Associação resolveu, por unanimidade,
a demissão do vosso colega, e a honra
do nosso colega não foi prejudicada.

Presado colega e estimado consócio Nobre
Martins.

Comunico-lhe pelo presidente da Assembleia
Geral o vosso pedido de demissão da
presidência da Direcção desta colectividade,
lançada, sinceramente o facto, pois que
a nossa Associação, muito embora os
seus estatutos, e o vosso officio, e o vosso
prestígio, não podíamos deixar de levar
em consideração. E assim, com os termos
do n.º 10 do art. 28.º dos Estatutos, a
Associação resolveu, por unanimidade,
a demissão do vosso colega, e a honra
do nosso colega não foi prejudicada.

Presado colega e estimado consócio Nobre
Martins.

Comunico-lhe pelo presidente da Assembleia
Geral o vosso pedido de demissão da
presidência da Direcção desta colectividade,
lançada, sinceramente o facto, pois que
a nossa Associação, muito embora os
seus estatutos, e o vosso officio, e o vosso
prestígio, não podíamos deixar de levar
em consideração. E assim, com os termos
do n.º 10 do art. 28.º dos Estatutos, a
Associação resolveu, por unanimidade,
a demissão do vosso colega, e a honra
do nosso colega não foi prejudicada.

Presado colega e estimado consócio Nobre
Martins.

Comunico-lhe pelo presidente da Assembleia
Geral o vosso pedido de demissão da
presidência da Direcção desta colectividade,
lançada, sinceramente o facto, pois que
a nossa Associação, muito embora os
seus estatutos, e o vosso officio, e o vosso
prestígio, não podíamos deixar de levar
em consideração. E assim, com os termos
do n.º 10 do art. 28.º dos Estatutos, a
Associação resolveu, por unanimidade,
a demissão do vosso colega, e a honra
do nosso colega não foi prejudicada.

Presado colega e estimado consócio Nobre
Martins.

Comunico-lhe pelo presidente da Assembleia
Geral o vosso pedido de demissão da
presidência da Direcção desta colectividade,
lançada, sinceramente o facto, pois que
a nossa Associação, muito embora os
seus estatutos, e o vosso officio, e o vosso
prestígio, não podíamos deixar de levar
em consideração. E assim, com os termos
do n.º 10 do art. 28.º dos Estatutos, a
Associação resolveu, por unanimidade,
a demissão do vosso colega, e a honra
do nosso colega não foi prejudicada.

Presado colega e estimado consócio Nobre
Martins.

Comunico-lhe pelo presidente da Assembleia
Geral o vosso pedido de demissão da
presidência da Direcção desta colectividade,
lançada, sinceramente o facto, pois que
a nossa Associação, muito embora os
seus estatutos, e o vosso officio, e o vosso
prestígio, não podíamos deixar de levar
em consideração. E assim, com os termos
do n.º 10 do art. 28.º dos Estatutos, a
Associação resolveu, por unanimidade,
a demissão do vosso colega, e a honra
do nosso colega não foi prejudicada.

Presado colega e estimado consócio Nobre
Martins.

Comunico-lhe pelo presidente da Assembleia
Geral o vosso pedido de demissão da
presidência da Direcção desta colectividade,
lançada, sinceramente o facto, pois que
a nossa Associação, muito embora os
seus estatutos, e o vosso officio, e o vosso
prestígio, não podíamos deixar de levar
em consideração. E assim, com os termos
do n.º 10 do art. 28.º dos Estatutos, a
Associação resolveu, por unanimidade,
a demissão do vosso colega, e a honra
do nosso colega não foi prejudicada.

Presado colega e estimado consócio Nobre
Martins.

Comunico-lhe pelo presidente da Assembleia
Geral o vosso pedido de demissão da
presidência da Direcção desta colectividade,
lançada, sinceramente o facto, pois que
a nossa Associação, muito embora os
seus estatutos, e o vosso officio, e o vosso
prestígio, não podíamos deixar de levar
em consideração. E assim, com os termos
do n.º 10 do art. 28.º dos Estatutos, a
Associação resolveu, por unanimidade,
a demissão do vosso colega, e a honra
do nosso colega não foi prejudicada.

Presado colega e estimado consócio Nobre
Martins.

Comunico-lhe pelo presidente da Assembleia
Geral o vosso pedido de demissão da
presidência da Direcção desta colectividade,
lançada, sinceramente o facto, pois que
a nossa Associação, muito embora os
seus estatutos, e o vosso officio, e o vosso
prestígio, não podíamos deixar de levar
em consideração. E assim, com os termos
do n.º 10 do art. 28.º dos Estatutos, a
Associação resolveu, por unanimidade,
a demissão do vosso colega, e a honra
do nosso colega não foi prejudicada.

Presado colega e estimado consócio Nobre
Martins.

A BATALHA

REVELAÇÕES IMPORTANTES

Mais revoluções na forja

Fala-se na conservadora e repetem-se pormenores que já revelámos

Com a devida vénia transcrevemos do *Diário de Lisboa* uma parte duma entrevista que ontem publicou e na qual se fazem revelações importantes:

Beberam-se os «café» num instante — «reporter» acendeu um cigarro e es- cutou atentamente X, que começou a falar com lentidão, quasi silabando as palavras, como que a pesar-lhes o sentido.

— Neste momento, estão na forja dois movimentos revolucionários. Um conservador, outro radical. O primeiro não é viável, em minha opinião. O segundo, se chegar a vir para a rua, tem mais probabilidades de êxito.

— E como lhe digo. Vá, porém, por partes. Eis o que há acerca dos conservadores: — Nessa conservação, estão comprometidos muitos sidonistas, alguns monárquicos e elementos republicanos sem filiação.

— E dos partidos? — Ninguem.

— Garanto-lho. Prosseguido: como já lhe disse o movimento não é viável. O mais que podem fazer é uma pequena saiafesta que prontamente sufocaremos. A força de maior importância de que dispõem é o Campo Entrincheirado. Nos últimos dias, há mais de uma semana, fez-se até uma concentração de forças no reduto Gomes Freire, em S. Julião da Barra. Os outros fortes ficaram abandonados, chegando a tirar os percutores às peças.

— Mas porque fizeram isso? E' espantoso!

— Não se admire. E' que quiseram sair nesse dia para a rua, reconhecendo, à última hora, que não possuíam a força necessária. Tudo se fez, a pretexto de uma sublevação bolchevista na cidade.

— E' curioso. Mas, então, que elementos militares tem essa gente?

— Em Lisboa, os seguintes: em sapadores-mineiros, quasi todos, em sapadores dos caminhos de ferro, alguma gente, exceptuando o comandante, o coronel Raul Esteves que foi procurado por alguns dos conservadores e opôs uma negativa formal, fazendo ver a gravidade da hora presente e a necessidade de se obedecer aos poderes constituídos, em cavalaria 2, alguns elementos, talvez três oficiais superiores e um inferior. Quanto a infantaria de linha, nada. Na G. N. R., possuem vários elementos isolados, que não tem força e prestígio para arrastar qualquer unidade para a rebelião. Há ainda civis, muitos, principalmente revolucionários dos 5 de Dezembro. Mas, repito, no Campo Entrincheirado é que está o fulcro da conjura. Em vários pontos tem-se realizado reuniões alle concordes e, dias atrás, parece-me que a pedido do comando, cada bateria foi reforçada com 20 praças.

— E a provincia?

— Manda a verdade dizer que tem elementos militares em vários pontos, principalmente no Norte. Ao principio, estavam certos da vitória e contavam com o general sr. Gomes da Costa para os comandar, tendo chegado a convencer a presidência do futuro ministério, um ex-parlamentar da extrema esquerda que, mere da sua conduta durante a noite sagrada, se impôs à

consideração geral. Esse politico — acrescentou X, num grande ar de sinceridade — repeliu o convite, declarando que qualquer novo movimento revolucionário é um crime de lesa-pátria. Pediu mesmo ao delegado dos conspiradores que o procurou que, a bem da Patria e da República, desistissem dos seus planos.

— E eles?

— Perante essa resposta ficaram muito amanchados e reconheceram que, a manterem os *outubristas* a sua unidade, não poderão vencer. Agora, a conjura prossegue, mas é uma água morna que difficilmente chegará à ebulição...

— Mas o que quer essa gente? Com que forças contam?

— Com algumas unidades da G. N. R. — em que dizem ter elementos de toda a confiança, e parte da Armada. Há também civis recrutados para a *insurreição*, mas a maioria olha como desconfiança esses maneios, porque não sabe os intuitos que a eles presidem...

— Você está bem informado...

— Quere mais novidades? Então deixe-me dizer-lhe que convidaram para comandante dos neo-revolucionários o tenente-coronel de infantaria Taveira, um dos tais oficiais das colónias. Primitivamente, pensaram em fazer presidente do ministério deles, o actual ministro dos negócios estrangeiros, o dr. Veiga Simões. Chegaram a a convidar, mas este illustre diplomata declarou que qualquer novo movimento revolucionário daria origem, no momento presente, a gravissimas complicações de toda a ordem. Pediu mesmo a cessação do *outubrista* que desistisse do movimento, o que não foi atendido. Desde então, os revolucionários dissidentes passaram a acarinhar o dr. Mesquita de Carvalho, que se deixou ir na corrente. Tem ministério organizado e vários diplomatas prontos a irem para o *Diário do Governo*...

— E a provincia?

— Manda a verdade dizer que tem elementos militares em vários pontos, principalmente no Norte. Ao principio, estavam certos da vitória e contavam com o general sr. Gomes da Costa para os comandar, tendo chegado a convencer a presidência do futuro ministério, um ex-parlamentar da extrema esquerda que, mere da sua conduta durante a noite sagrada, se impôs à

consideração geral. Esse politico — acrescentou X, num grande ar de sinceridade — repeliu o convite, declarando que qualquer novo movimento revolucionário é um crime de lesa-pátria. Pediu mesmo ao delegado dos conspiradores que o procurou que, a bem da Patria e da República, desistissem dos seus planos.

— E eles?

— Perante essa resposta ficaram muito amanchados e reconheceram que, a manterem os *outubristas* a sua unidade, não poderão vencer. Agora, a conjura prossegue, mas é uma água morna que difficilmente chegará à ebulição...

— Mas o que quer essa gente? Com que forças contam?

— Com algumas unidades da G. N. R. — em que dizem ter elementos de toda a confiança, e parte da Armada. Há também civis recrutados para a *insurreição*, mas a maioria olha como desconfiança esses maneios, porque não sabe os intuitos que a eles presidem...

— Você está bem informado...

— Quere mais novidades? Então deixe-me dizer-lhe que convidaram para comandante dos neo-revolucionários o tenente-coronel de infantaria Taveira, um dos tais oficiais das colónias. Primitivamente, pensaram em fazer presidente do ministério deles, o actual ministro dos negócios estrangeiros, o dr. Veiga Simões. Chegaram a a convidar, mas este illustre diplomata declarou que qualquer novo movimento revolucionário daria origem, no momento presente, a gravissimas complicações de toda a ordem. Pediu mesmo a cessação do *outubrista* que desistisse do movimento, o que não foi atendido. Desde então, os revolucionários dissidentes passaram a acarinhar o dr. Mesquita de Carvalho, que se deixou ir na corrente. Tem ministério organizado e vários diplomatas prontos a irem para o *Diário do Governo*...

— E a provincia?

— Manda a verdade dizer que tem elementos militares em vários pontos, principalmente no Norte. Ao principio, estavam certos da vitória e contavam com o general sr. Gomes da Costa para os comandar, tendo chegado a convencer a presidência do futuro ministério, um ex-parlamentar da extrema esquerda que, mere da sua conduta durante a noite sagrada, se impôs à

consideração geral. Esse politico — acrescentou X, num grande ar de sinceridade — repeliu o convite, declarando que qualquer novo movimento revolucionário é um crime de lesa-pátria. Pediu mesmo ao delegado dos conspiradores que o procurou que, a bem da Patria e da República, desistissem dos seus planos.

— E eles?

— Perante essa resposta ficaram muito amanchados e reconheceram que, a manterem os *outubristas* a sua unidade, não poderão vencer. Agora, a conjura prossegue, mas é uma água morna que difficilmente chegará à ebulição...

— Mas o que quer essa gente? Com que forças contam?

— Com algumas unidades da G. N. R. — em que dizem ter elementos de toda a confiança, e parte da Armada. Há também civis recrutados para a *insurreição*, mas a maioria olha como desconfiança esses maneios, porque não sabe os intuitos que a eles presidem...

— Você está bem informado...

— Quere mais novidades? Então deixe-me dizer-lhe que convidaram para comandante dos neo-revolucionários o tenente-coronel de infantaria Taveira, um dos tais oficiais das colónias. Primitivamente, pensaram em fazer presidente do ministério deles, o actual ministro dos negócios estrangeiros, o dr. Veiga Simões. Chegaram a a convidar, mas este illustre diplomata declarou que qualquer novo movimento revolucionário daria origem, no momento presente, a gravissimas complicações de toda a ordem. Pediu mesmo a cessação do *outubrista* que desistisse do movimento, o que não foi atendido. Desde então, os revolucionários dissidentes passaram a acarinhar o dr. Mesquita de Carvalho, que se deixou ir na corrente. Tem ministério organizado e vários diplomatas prontos a irem para o *Diário do Governo*...

— E a provincia?

— Manda a verdade dizer que tem elementos militares em vários pontos, principalmente no Norte. Ao principio, estavam certos da vitória e contavam com o general sr. Gomes da Costa para os comandar, tendo chegado a convencer a presidência do futuro ministério, um ex-parlamentar da extrema esquerda que, mere da sua conduta durante a noite sagrada, se impôs à

consideração geral. Esse politico — acrescentou X, num grande ar de sinceridade — repeliu o convite, declarando que qualquer novo movimento revolucionário é um crime de lesa-pátria. Pediu mesmo ao delegado dos conspiradores que o procurou que, a bem da Patria e da República, desistissem dos seus planos.

— E eles?

— Perante essa resposta ficaram muito amanchados e reconheceram que, a manterem os *outubristas* a sua unidade, não poderão vencer. Agora, a conjura prossegue, mas é uma água morna que difficilmente chegará à ebulição...

Ultimas noticias

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Sessão de ontem à noite — Lei 999

Sob a presidência do sr. Agostinho Estrela reuniu-se ontem à noite em sessão extraordinária a vereação da Câmara Municipal de Lisboa.

Lidos telegramas das Câmaras aplaudindo a attitude da de Lisboa na questão da lei 999, o dr. sr. Alberto Vidal informa que a Comissão Executiva da Câmara de Alenquer solicitara a celeridade de uma sala dos Paços do Concelho para nela se efectuar uma reunião dos representantes de todos os municípios a fim de definirem qual a sua attitude perante o decreto do governo que aboliu a referida lei que criara o imposto *ad valorem*. A iniciativa, pois, para reunir as Câmaras partirá da Câmara de Alenquer e não podia já ser da de Lisboa como desejava o dr. Barreiro.

Termina dizendo que a sala havia sido cedida.

Organização dos serviços municipais

Entrou em seguida em discussão o artigo 1.º do projecto de Organização dos Serviços da Câmara Municipal de Lisboa, projecto aprovado já na generalidade na sessão anterior. Falaram vários vereadores não ficando, porém, concluída a discussão a qual deve continuar na sessão próxima.

Em seguida falou Matus Vieira, representante do Minho e Douro, que saldou os seus colegas, oferecendo-lhes a sua solidariedade. Diz concordar com as moções apresentadas, fazendo votos para que a classe continue unida em prol do progresso e da liberdade.

Falaram muitos camaradas, sobre os assuntos, resultando uma bela parada de forças proletárias.

O teatro encontrava-se literariamente cheio de ferroviários, o que dava um belo conjunto a presença de muitas senhoras.

A assembleia terminou à 1 hora, entre entusiasticas vivas aos ferroviários, à Batalha e C. G. T.

Ferrovários do Sul e Sueste

Realizou-se ontem uma importante reunião no teatro

BARREIRO, 10. — (Pelo telefone). — Pelas 20 horas de ontem realizou-se uma assembleia magna da classe ferroviária do Sul e Sueste, com a participação do Minho e Douro e delegações de Casa Branca, Beja e Faro, para a comissão executiva elucidar a classe das *demarches* efectuadas junto do governo, no sentido de ver atendidas as suas reclamações.

Presidiu o camarada Joaquim Figueiredo, secretariado pelos camaradas Faria Marques e Jaime Miguel Mapô.

Foi lida em seguida grande quantidade de credenciais de toda a linha manifestando a sua solidariedade para com as resoluções tomadas na assembléa.

Antes da ordem dos trabalhos o camarada Gregório Matos da Cruz, professor, apresentou uma moção de protesto contra a attitude tomada contra o fiscal de revisores Ramos Preto.

Pelo camarada Correia de Barros foi apresentada outra moção referente ao facto do serviço de construção serem despedidos empregados com oito e mais annos de serviço.

O camarada Sousa Rodrigues, escriptor, afirmou que tais despedimentos revelavam a má vontade do chefe do serviço e da maldosa interferência do inimigo da associação de classe.

Passou-se em seguida à ordem dos trabalhos.

Miguel Correia fazendo largas considerações sobre as *demarches* apresentou uma moção com as seguintes conclusões:

«Aguardar a urgente transformação em factos das declarações feitas pelo ministro do comércio, considerando-as como compromisso formal, tomado pelo governo, ressaltando o direito de reclamar novamente perante a mesma entidade quando as necessidades dos ferroviários não venham a ser relativamente consideradas».

Esta moção foi aprovada por unanimidade.

Fez depois uso da palavra o camarada António José Piloto, que depois de analisar a questão das diferenciais e a campanha surda e desleal de alguns ferroviários, declarou que se as diferenciais vinham atenuar a situação dos

A BATALHA no Porto

A vida no Porto é insuportável — O comércio não se detém na sua marcha exploradora — Como é que se justifica — Porque é que o açúcar não subiu mais de preço?

PORTO, 8.-C. — Estamos chegado ao Natal, tradicionalíssima comemoração cristã, mas que um diploma legislativo da democracia republicana que nos governa transformou para uma festa de família. Para essa festa da família já as montanhas das mercadorias se encontram peijadas de iguarias e guloseimas, para que os felizes se vão mudando e não se guardem para a última hora.

E de facto, os bafetados da sorte, os que possuem empregos chorudos, os ricos, os opulentos, os nababos, estão a pôr as suas espasmosas despesas de tudo quanto é bom de comida e de bebida, desde o simples bacalhau à mais cara acepial, desde o vulgar vinho de mesa ao mais vaporoso e estonteador vinho fino ou champagne... Para esses endinheirados não há dificuldade da vida. Porém, as classes pobres não terão Natal, porque nem mesmo a sua mesa cotidiana se encontra garantida, com o pão indispensável à sua existência.

A vida, nas últimas três semanas, tem encarecido dum modo assustador, tendo todos os géneros a subir, no tocante a preços, para as regiões infinitas do inconcebível, do inoportável. As fardas dos trabalhadores, apesar de haver quem afirme que elas são colossais, não chegam para pagar ao mercador. As donas de casa queixam-se, amargamente, ao sábado, por verem que largaram, pela mão, um poder de dinheiro e trazem para casa o cisto quasi vazio. Quem tem que, vil empenhando quem tem a felicidade de ainda, nestes tempos, ter crédito, fiado, vai aumentando a dívida e comprometendo o crédito, na esperança de que isto melhora, que venham melhores dias, que já mais cheguem.

Os salários, que nunca atingiram a justa equiparação do preço da vida, pelo menos, estão agora minúsculos, pelo que o operário está a reconhecer a necessidade urgente de se angariar numa nova luta por aumento de ordenado. Há gemidos, há queixumes, há revoltas recalcadas no íntimo, há dezoito de que todo este estado de coisas rebente por uma vez, para o mar e para a terra... Há, então, uma tensão, uma intensidade, mas os negociantes não param na sua velocidade devoradora de escamoteio insaciável, a despeito de sustos de revoluções sociais, apesar do aparente receio de que as massas trabalhadoras venham para a rua num movimento de extremismo radicalmente indomito e apavorante.

Talvez, os comerciantes desculpem-se alegando que os verdadeiros responsáveis por toda esta situação são os governos e os políticos, uns, encravando o desenvolvimento comercial com decretos coercivos, outros, aumentando a inflação e a desconfiança no estrangeiro. Desculpam-se também com a restrição da venda das cambiais, com os impostos da câmara e com o pagamento, em ouro, dos direitos alfandegários. O caso, porém, é que os géneros estão, de dia para dia, encarecendo assombrosamente, e a culpa não é de ninguém, terminando por ser de todos.

Um dos géneros que estava a ser assembrado, a encarecer a olhos vistos, era o açúcar. O Natal aproxima-se, e como nesta ocasião as doçuras são mais frequentes, o açúcar tem mais gasto, o que quer dizer que era um bom movimento para especulações. Os refinadores principiaram a negar aquele género e os comerciantes que o tinham, também. Desta sorte, o açúcar que pudesse aparecer à venda era por um preço... rendoso para os exploradores. Os cálculos, contudo, falharam, porque uma importante casa comercial de Lisboa enviou para aqui uma respectável partida de sacas de açúcar, que invadiu o mercado. Os outros, os assamlaradores, tiveram de pôr o seu açúcar ao sol, como se diz-se, e assim parou, com aquela paragem, a subida do preço daquele género, tam indispensável à vida humana... Antes assim...

N.º 11

A BATALHA

Informações, vindas numa correspondência desta cidade, dadas sobre as manhas de um senhorio, que é de Viana, que pretende pôr arbitrariamente na rua, a firma C. F. Vasconcelos & C.ª, Lda. A talhe de foice, convém rectificar que aquele senhorio exigiu, àquela firma, 70 contos de chave e não 20 ou 50, como saíra publicado!

O que se passa entre a classe dos carregadores e descarregadores de terra e mar do Porto e Gaia. — Um desmentido

A Associação dos Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar do Porto e Gaia, reunida em sessão de direcção, apreciou as dissensões hevistas entre a classe que representa, devido à acção dum mal intencionado e inimigo da organização operária. Após variada discussão, resolveu enviar para a imprensa a seguinte nota oficiosa:

A direcção desta colectividade, reunida para tratar de assuntos de interesse da classe, resolveu desmentir umas notícias publicadas na imprensa desta cidade, em nome da Associação, nos dias 30 de Novembro e 1.º de Dezembro corrente, visto que elas não se prendem com a verdadeira Associação, mas sim com um grupo de carregadores que reúnem a parte, não tendo, portanto, validade alguma, as resoluções por eles tomadas acerca da reintegração de Alvaro Duarte Ceira no cargo de presidente da Direcção, bem como da desligação deste organismo, da U. S. O. e da C. G. T.

O Sindicato Unico do Vestuário tende a desenvolver-se

O Sindicato Unico dos Operários da Indústria de Vestuário, desta cidade, tem-se esforçado, ultimamente, por desenvolver a sua acção, não só sob o ponto de vista dos seus filiados, mas também sob o aspecto do valor sólido da organização. Assim, o conselho técnico daquele sindicato, reconhecendo a alta vantagem da criação dos delegados por oficinas e fábricas, para que estas casas de trabalho estejam em relação directa com a associação, que devesse estar ao corrente de tudo quanto nelas se passa, resolveu convocar uma assembleia geral dos operários da indústria para tratar da nomeação dos delegados referidos. Esta assembleia deve realizar-se dentro em breves dias.

A acção das juventudes sindicais — Protestos contra as Federações da C. Civil e Calçado C. e Peles e contra um grupo que, na Ribeira, agrediu um jovem sindicalista e outros militantes

As juventudes sindicais desta cidade reúnem num destes dias para tratar de diversos assuntos para o desenvolvimento da organização das mesmas. Aproveitando o ensejo, apresentaram a resolução das Federações da Indústria da Construção Civil e Calçado C. e Peles, contra a qual se insurgiram, aprovando a seguinte moção:

Considerando que as Federações da Construção Civil e Calçado C. e Peles e Peles acabam de resolver prestar só solidariedade aos presos por questões corporativistas; considerando que sem-lhes reconhecimento e anti-libertária e contra o sindicalismo revolucionário; considerando que os jovens sindicalistas do Porto não podiam ficar alheios a este estado de coisas, e que a acção da juventude revolucionária, a assembleia geral do movimento sindicalista do Porto, reunida para tratar deste assunto em 20-11-1921, resolveu: 1.º sancionar as resoluções já tomadas pelo conselho administrativo; 2.º enviar telegrama de protesto contra as resoluções das Federações da Construção Civil e Calçado C. e Peles, sobre a prisão dos militantes; 3.º enviar igualmente um telegrama a C. G. T.; 4.º enviar cópia desta moção aos nossos organismos.

A seguir foi abordada a questão da agressão praticada nas pessoas dos camaradas José Gonçalves e António Inácio Martins, este jovem, por um grupo capitaneado por Alvaro Duarte Ceira, que ainda por cima os mandou prender como botevistas, sendo igualmente aprovada esta moção:

Considerando que os camaradas José Gonçalves e António Inácio Martins foram agredidos e ainda presos aos ordens do celebre Ceira, que os acusou de botevistas e agitadores de greves gerais revolucionárias, considerando que os camaradas foram libertados sem qualquer indemnização, considerando que tal procedimento partiu do membro do Partido Comunista, o que é antagónico ao movimento sindicalista revolucionário; considerando a existência de semelhante grupo; considerando que o N.º J. S. do Porto não podia ficar alheio sobre tal repugnante procedimento, resolveu: 1.º protestar energicamente contra as acções dos auctorizados de Alvaro D.

Teatro

Entre a Empresa Henrique Barreiros Limitada e a empresa António de Macedo estabeleceu-se ontem um acordo, segundo o qual aquela cedeu a esta a exploração do Eden Teatro até Outubro de 1923.

A Empresa António Macedo em nada modifica a organização da actual companhia daquela casa de espectáculos, continuando a montagem da revista *Tic-Tac* que deve subir à scena impreterivelmente na próxima quarta-feira.

Continuando a verdadeira sensação, sendo o assunto de gerais conversações, a linda peça *Casa cercada*, que tem em scena a graciosa revista *Bichinha gata*. Todas as noites nas duas sessões os encontros são completos, fazendo-se o publico de rir com os comentários do impagavel Gomes, em vários papeis, assim como Orelha de Carvalho, no famoso condutor dos carros eléctricos.

Reclames

Concerto no Politeama

Falecidos sem assistência

Queda desastrosa

A Novela Vermelha

A Sciência

redentora

Por José Benedit

que constitue o n.º 8 da Novela Vermelha, edição de A Batalha.

Ho Povo

SÓ NOS Grandes Armazens

PARIS

Matos & Rua, L. da 110-Rua dos Panqueiros-112

encontrar a maior colecção de Capotes e Alentejana

com soberbas golas de pele de raposa

CORTE ESMERADO. Preços extraordinários

FATOS FEITOS E POR MEDIDA

SOBRETUDOS DE ÓPTIMAS FAZENDAS

CHOCOLATIN e COMISARIA AOS

Grandes Armazens de Paris

O Processo do Chauffeur

Pelo advogado BERNARDO LUCAS

A VENDA POR 2800

O BANDOLIM SEM MESTRE

Sapataria Progresso

Documentos aprovados no congresso constitutivo da INTERNACIONAL SINDICAL VERMELHA, efectuado em Moscovia, de 3 a 19 de Julho de 1921

(Continuação)

- 31.—Os sindicatos excluídos das federações internacionais não devem ficar dispersos. Se não aderirem ainda a um comité internacional de propaganda devem aderir imediatamente; devem ainda apresentar aos comités a necessidade de criar um centro internacional da respectiva indústria. Em caso de exclusão de vários sindicatos, o comité internacional de propaganda, por decisão especial da Internacional Sindical Vermelha, pode ser transformado em bureau de organização com o fim de convocar um congresso dos sindicatos revolucionários e criar uma central internacional correspondente para lutar contra os que, segundo as ordens da gente de Amsterdam, excluem das federações internacionais de vários países e indústrias os sindicatos e as organizações de vários países.
- VII.—Dos sindicatos que agrupam os operários por nacionalidade

32.—A influência da ideologia burguesa é ainda tam forte entre as massas proletárias que em numerosos países se vêem sindicatos agrupando os trabalhadores por nacionalidades. Na Tchecoslováquia existem, ao lado dos sindicatos operários tchecoslovacos, outros agrupamentos sindicais, até com uma central própria, para os operários alemães. Na Polónia, onde os sindicatos eram, nestes últimos tempos, órgãos correspondentes aos agrupamentos partidários, já se efectuou a fusão entre os sindicatos comunistas e os que se encontram sobre a influência do partido socialista. Apesar disso, existem ainda hoje agrupamentos sindicais nacionais. Assim, ao lado das organizações sindicais gerais existem ainda sindicatos de judeus, com a sua central especial. Na América encontram-se ainda sindicatos compostos exclusivamente de negros, pelos que se usam e abusam para admitir os negros no número dos seus membros. Todos estes velhos preconceitos devem ser combatidos da maneira mais enérgica pelos partidários da Internacional Sindical Vermelha. A fusão dos sindicatos nacionais com as outras organizações sindicais do país deve tornar-se um concreto objectivo da luta pela unidade dos organismos económicos da classe operária. Os preconceitos nacionais devem ser vencidos, custe o que custar.
- VIII.—Dos sindicatos excluídos

33.—Os últimos meses de actividade da Internacional de Amsterdam e dos agrupamentos sindicais a ela adherentes mostram uma ofensiva declarada contra os sindicatos revolucionários. Sentindo próximo o seu fim, a Internacional amarela de Amsterdam proclamou o *mot d'ordre*: «Revolucionários e comunistas, fora dos sindicatos!» Esta táctica de ofensiva por parte dos adeptos da Internacional de Amsterdam deve encontrar uma resistência firme e persistente nas secções locais. O *mot d'ordre* destas deve ser: «Baixo os scissionistas. Viva a unidade do movimento sindical!» Em caso algum se deve ir ao encontro dos desejos de Amsterdam abandonando voluntariamente os sindicatos; seria extremamente cómodo para os partidários de Amsterdam e extremamente desvantajoso para a ala esquerda do movimento operário.

34.—A exclusão dos grupos particulares e das secções locais, sobretudo na Alemanha, é acompanhada habitualmente da criação, pelo centro, de novas agrupações, procurando-se assim quebrar a unidade da organização revolucionária local. Com o fim de demolir os sindicatos revolucionários locais, os partidários de Amsterdam tentam-se facilmente com os patrões que por seu turno desdenham uma ofensiva contra os operários. Visto que as cotizações para o fundo de greves se encontram em poder do Comité directivo, a organização revolucionária local não pode resistir à ofensiva dos patrões e fica condenada a uma derrota completa.

35.—Esta monstruosa tração deve ser combatida encarnadamente, pelas forças dos sindicatos revolucionários do partido comunista, fraternalmente unidos. Devem pôr-se em destaque todos os entendimentos, fíctios ou não, entre os dirigentes do movimento sindical e os inimigos da classe operária. Sem abandonar a organização, é necessário agrupar rapidamente os sindicatos excluídos e, por ramo de indústria, e criar uma central nacional dos sindicatos excluídos. Esta tem por dever lutar contra os demolidores do movimento operário e exigir a reintegração dos sindicatos excluídos.
- IX.—Da imprensa sindical

36.—A criação dum imprensa sindical revolucionária é uma das mais importantes tarefas de organização dos sindicatos. As velhas organizações sindicais possuem uma grande imprensa, bastante espalhada, tendo já tradições. É necessário criar em cada país um jornal para tratar das questões gerais, ao lado de órgãos que trabalhem exclusivamente das questões da produção. A criação da imprensa requere as mais sérias atenções dos partidários da Internacional Sindical Vermelha. Segundo o passo a passo a actividade dos grupos dirigentes dum determinado sindicato, denunciando-lhes a passividade, a preguiça, as hesitações no domínio da luta cotidiana, destacando os pontos fracos dos dirigentes de Amsterdam, o órgão dum dada indústria poderá mostrar às grandes massas sem partido que os partidários de Amsterdam não são mais do que interesses da classe operária nas questões da política geral, mas que cada dia, pelo seu trabalho prático, pela sua maneira de abordar as questões que tocam os interesses essenciais, vitais da classe operária, mantêm uma atitude que vai de encontro aos interesses da classe operária no seu conjunto, e aos interesses de qualquer categoria de trabalhadores em luta.

X.—As mulheres e os sindicatos

37.—Os partidários da Internacional Sindical Vermelha devem esforçar-se com particular cuidado para fazer entrar as operárias no movimento sindical revolucionário. Nada de organizações sindicais femininas separadas. O proletariado é único, e notado pela consciência de classe, deve fundar os seus organismos não segundo o sexo dos trabalhadores mas por ramos de indústria. As operárias por serem a categoria mais aterrorizada entre os trabalhadores, são muito mais exploradas do que os homens, e os sindicatos reformistas, seguindo a linha da menor resistência, estabelecem tarifas não segundo a qualidade e o rendimento do trabalho, mas segundo o sexo dos trabalhadores. Quando a crise se declara, os sindicatos conservadores tomam por vezes a iniciativa de

Ninguém segure prédios ou mobílias
contra incêndio, sem consultar



A MUNDIAL
COMPANHIA DE SEGUROS

Capital 500.000\$00 — Reservas: 640.696\$14,7
SEDE EM LISBOA DELEGACÃO NO PORTO
Rua Garrett, 95 — Tel. 4084 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

A Mundial, de acordo com um fortíssimo grupo ressegurador, estabeleceu prémios para os seus segurados que DESAFIAM TODA A CONCORRÊNCIA, oferecendo a máxima das garantias. NÃO SOBRECARRÉGA os segurados com quaisquer ADICIONAIS para impostos, que são integralmente pagos pela Companhia, nem com custo de apólices. Segura também contra INCÊNDIO E ROUBO numa só apólice.

●● AGENCIAS EM TODO O PAIS ●●

Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes
cura rapidamente

Catarrhos, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

1.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inhaladores;
2.º É usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a orelha dentária e por todas as pessoas que tem de suportar óculos duvidosos porque as defende de contágios perigosos;
3.º São usadas pelas pessoas idosas, pelas astmáticas ou que sofrem de bronquites crônicas, porque limpando o pigarro apressam o apetite e permitem-lhes sonos reparadores seguidos;
4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, alivia a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelas que cantam ou falam em público;

O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º Atenua a ação nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com eles convive, evitando-lhes o cancro e o catarro gástrico;
6.º Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evitando a surrnança cerebral. Usadas por todos os que pensam muito;
7.º Usadas pelas que viajam ou frequentam casas dos doentes, porque o fumo delas o ambiente e intrinseco em todas as células das vias respiratórias, preservando-as das doenças contagiosas, ta como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, difteria, anginas, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos
Fórmula n.º 3 (fortíssimo) cart. 1\$00

Depósito dos preparados com selo VITERI:

Vicente Ribeiro & C.ª Suc.ª
Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

Publicações sociológicas

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

	Pelo cor- reio	Pelo rel.
Adelino de Pinho. — Quem não trabalha não come...	\$30 \$35	\$02 \$03
Adolfo Lima. — O contrato do trabalho...	2400 2450	\$03 \$04
Afonso Schmidt. — Evangelho dos Livres...	\$30 \$35	\$03 \$04
Basílio Teles. — O estatuto dos povos...	\$02 \$03	\$03 \$04
Briand. — A greve geral...	\$12 \$15	\$03 \$04
Campos Lima. — O movimento operário em Portugal...	\$02 \$03	\$03 \$04
Carlos Rates. — A ditadura do Proletariado...	\$40 \$45	\$03 \$04
Carneiro de Moura. — A mulher e a civilização...	1450 1460	\$03 \$04
Cesar dos Santos. — A questão operária e o sindicalismo...	\$02 \$03	\$03 \$04
Charles Albert. — O amor livre...	1600 1610	\$03 \$04
Content. — Contra o confucionismo...	\$10 \$15	\$03 \$04
Daladier. — Os fins da guerra...	\$10 \$15	\$03 \$04
Domeleu Nieuwenhuis. — Patria e Humanidade...	\$02 \$03	\$03 \$04
Dufour. — O sindicalismo e a próxima revolução (2 vol.)...	2400 2420	\$03 \$04
Emílio Costa. — Acção directa e acção indirecta...	\$03 \$04	\$03 \$04
Etienvat. — A minha defesa...	\$10 \$15	\$03 \$04
Fraser. — A Rússia vermelha...	2450 2460	\$03 \$04
Fabra Ribas. — O socialismo e o conflito europeu...	\$03 \$04	\$03 \$04
Griffuelles. — A acção sindicalista...	\$02 \$03	\$03 \$04
Guilherme de Greef. — As leis sociológicas...	1400 1415	\$03 \$04
Guyau. — Ensaio sobre a moral sem obrigação nem sanção...	1400 1415	\$03 \$04
Hamon. — A conferência da Paz e a sua obra...	1400 1415	\$03 \$04
As lições da guerra mundial O movimento operário na Gran-Bretanha...	2400 2425	\$03 \$04
Psicologia do militar profissional...	1420 1435	\$03 \$04
Psicologia do socialista-anarquista...	1420 1435	\$03 \$04
A Crise do Socialismo...	\$10 \$15	\$03 \$04
Monetier Roland. — A Rússia nova...	\$12 \$15	\$03 \$04
Jean Grévy. — A Anarquia-Fins e meios...	5450 5475	\$03 \$04
A Sociedade Futura...	1420 1440	\$03 \$04
O indivíduo e a Sociedade...	1400 1415	\$03 \$04
José Carlos de Sousa. — A propriedade privada...	\$20 \$25	\$03 \$04
José T. Lorenzo. — Maximalismo e Anarquismo...	\$20 \$25	\$03 \$04
Wiles Guesde. — A lei dos salários...	\$12 \$15	\$03 \$04
Krapotkin. — A Anarquia, sua filosofia e seu ideal...	\$02 \$03	\$03 \$04
A Grande Revolução (2 vol.)...	2420 2450	\$03 \$04
A moral anarquista...	\$12 \$15	\$03 \$04



VÃO A
Sapataria S. Roque
VER

Grande sortido de calçado que esta casa tem para a estação do inverno Bota branca, forma broa e americana, desde... 13\$75 Bota calf pret com solado de borracha, a... 37\$00 Bota calf cor, forma moderna e broa... 26\$00 Bota branca para rapaz... 9\$00 Sapatinhos de verniz para criança à bebê, desde... 2\$50

Grande saldo 20\$00

Calçado de luxo para homens, senhoras e crianças Últimos modelos Preços convidativos Fazem-se concertos. Venda por atacado e a retalho

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste, e da Cooperativa dos Empregados do «Diário de Notícias».

Queiroz L. da
L. Trindade Coelho, 17
(Antigo L. de S. Roque)

Acaba de sair a nova edição do:

METODO INTUITIVO

POR BORGES GRAINHA
Preço \$50 — A' venda em todas as livrarias
Depósito: Livraria Avelar Machado
R. do Povo dos Negros, 19 e 21 — LISBOA
Esta casa tem sempre em depósito toda a qualidade de livros escolares, que vende aos melhores preços

Trabalhadores. Lede e propague a BATALHA

A' grande Baixa de Calçado a Sapataria Social Operária

Sapatos em calf-pret para senhora 11\$00 Sapatos em verniz todos os modelos 20\$00

Botas calf-pret, desde 21\$00 Bota calf-pret com duas solas 22\$50

Grande saldo de botas pretas para homem 17\$00 Grande saldo de botas brancas 16\$15

Um colossal sortimento em calçado para crianças

Grande saldo de botas de cor para homem a 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra Barato e Bom

18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 69

Serviço de Livraria DE A BATALHA

Instrução profissional

Elementos gerais

Obras a 3\$50 encadernadas:

Algebra elementar, aritmética pratica, geometria linear, geometria da física, de mecânica, de modelação, ornato e figura, de projecções, de química, — Escrita Commercial e Industrial — Geometria Plana e o Espaço.

Mecânica

Desenho de máquinas, 7450 — Materiais Agrícolas, 3450 — Noomenclatura de máquinas e caldeiras, 3450 — Problemas de máquinas, 5450.

Construção Civil

Obras a 3\$50 encadernadas:

Acabamentos das Construções, Avenia e Cantaria — Edificações — Encanamentos e abastecimento de água — Materiais de construção — Terraplenagem e alceres — Trabalhos de Carpintaria Civil — Trabalhos de Serralharia Civil.

Manuais de officios

Obras encadernadas:

Condutor de máquinas, 4400 — Electricista 3400 — Fabricantes de tecidos 3450 — Ferreiro, 3450 — Fogueiro 3450 — Formador e Estucador 3450 — Fundidor 4400 — Galvanoplastia, 4400 — Notador de Explosão, 4400 — Navegante 4400 — Piloteiro, 4400 — Sapeiro, 4400 — Serralheiro Mecânico, 4400 — Torneiro Mecânico 4400 — Industria Alimentar 3450 — Industria Cerâmica 3450.

Além das obras que anunciamos, satisfazem-se todas as encomendas que venham acompanhadas das respectivas importâncias, acrescidas de 10 por cento para porte de correio e mais \$10 para registro.

Não se enviam livros aobrança pelo correio.

Acceptam-se agentes e correspondentes nas terras onde ainda os não haja



Não me ralo!

Vou ali à Chapeleria Lusitana, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e duma solidez capaz de resistir a todos os vasos.

Chapeleria Lusitana
Rua Arco Marquês do Alegrete, 51-54 LISBOA

Quereis o vosso relógio concertado com garantia e por preço módico? Levae-o ao

33 de S.º André actualmente

Largo Rodrigues de Freitas, 33 (em frente do chafariz)

OFICINA DE RELOJEIRO E OURIVES

DE ALVES D'ANDRADE, L.ª

Nicolau Gomes Correia

Acaba de receber um grande sortido de cheviotes género inglês, estambres, casimiras e alpaca a preços sem competição. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, paraseshorreacasos. Um grande sortido de kakis

— AVIAMENTOS — PARA ALFAMA —

Acaba de receber um grande sortido de cheviotes género inglês, estambres, casimiras e alpaca a preços sem competição. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, paraseshorreacasos. Um grande sortido de kakis

— AVIAMENTOS — PARA ALFAMA —

Acaba de receber um grande sortido de cheviotes género inglês, estambres, casimiras e alpaca a preços sem competição. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, paraseshorreacasos. Um grande sortido de kakis

— AVIAMENTOS — PARA ALFAMA —

Acaba de receber um grande sortido de cheviotes género inglês, estambres, casimiras e alpaca a preços sem competição. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, paraseshorreacasos. Um grande sortido de kakis

— AVIAMENTOS — PARA ALFAMA —

Acaba de receber um grande sortido de cheviotes género inglês, estambres, casimiras e alpaca a preços sem competição. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, paraseshorreacasos. Um grande sortido de kakis

— AVIAMENTOS — PARA ALFAMA —

Acaba de receber um grande sortido de cheviotes género inglês, estambres, casimiras e alpaca a preços sem competição. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, paraseshorreacasos. Um grande sortido de kakis

— AVIAMENTOS — PARA ALFAMA —

Acaba de receber um grande sortido de cheviotes género inglês, estambres, casimiras e alpaca a preços sem competição. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, paraseshorreacasos. Um grande sortido de kakis

— AVIAMENTOS — PARA ALFAMA —

Acaba de receber um grande sortido de cheviotes género inglês, estambres, casimiras e alpaca a preços sem competição. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, paraseshorreacasos. Um grande sortido de kakis

— AVIAMENTOS — PARA ALFAMA —

Acaba de receber um grande sortido de cheviotes género inglês, estambres, casimiras e alpaca a preços sem competição. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, paraseshorreacasos. Um grande sortido de kakis

— AVIAMENTOS — PARA ALFAMA —

Acaba de receber um grande sortido de cheviotes género inglês, estambres, casimiras e alpaca a preços sem competição. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, paraseshorreacasos. Um grande sortido de kakis

— AVIAMENTOS — PARA ALFAMA —

Acaba de receber um grande sortido de cheviotes género inglês, estambres, casimiras e alpaca a preços sem competição. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, paraseshorreacasos. Um grande sortido de kakis

— AVIAMENTOS — PARA ALFAMA —

Acaba de receber um grande sortido de cheviotes género inglês, estambres, casimiras e alpaca a preços sem competição. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, paraseshorreacasos. Um grande sortido de kakis

— AVIAMENTOS — PARA ALFAMA —

Acaba de receber um grande sortido de cheviotes género inglês, estambres, casimiras e alpaca a preços sem competição. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, paraseshorreacasos. Um grande sortido de kakis

— AVIAMENTOS — PARA ALFAMA —

Acaba de receber um grande sortido de cheviotes género inglês, estambres, casimiras e alpaca a preços sem competição. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, paraseshorreacasos. Um grande sortido de kakis

— AVIAMENTOS — PARA ALFAMA —

Acaba de receber um grande sortido de cheviotes género inglês, estambres, casimiras e alpaca a preços sem competição. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, paraseshorreacasos. Um grande sortido de kakis

— AVIAMENTOS — PARA ALFAMA —

Acaba de receber um grande sortido de cheviotes género inglês, estambres, casimiras e alpaca a preços sem competição. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, paraseshorreacasos. Um grande sortido de kakis



FABRICO MANUAL

Encontra-se nesta casa um grande sortimento de calçado para homem, senhora e criança, por preços de reclame

CALÇADO PARA CRIANÇA (para todas as idades)

Botas pretas, vitela, desde 9\$50 Sapatos pretos, bom sortido em calçado de cor 7\$00

CALÇADO PARA SENHORA

Sapatos de pelica, desde 11\$00 • vitela, 2.ª, desde 12\$50 • vitela, 1.ª, desde 13\$00 • vitela, 3.ª, desde 13\$50

Grande variedade em calçado da Moda

CALÇADO PARA HOMEM

Botas brancas, vitela, desde 15\$00 • pretas, 2.ª, desde 21\$00 • calf, 1.ª, desde 27\$00

Calçado de luxo

Calçado de agasalho, muito barato

Grande Armazem de Calçado
21, Largo Rodrigues de Freitas, 21-A (Antigo Arco de Santo André)

SAIDAL

E' o único específico ideal e infalível indispensável às senhoras para sua segurança. FRIEIRAS. — só o verdadeiro Pó de Maio as cura rapidamente. TOSSES — só as Pílulas Santos são cura radical.

FARMACIA CABRAL, Suos. — R. Pro-
alente Arriaga, 38. — PAMPULHA — Lisboa.

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES e CAUTELAS para todas as

LOTÉRIAS PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$15 para registro

Fornece para revender TELEFONE: 1.020 — Central

PEDIDO A F. SILVA GAMA

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

INTELLECTUAIS, LÊDE

A NOVELA VERMELHA

A. MACHADO

CANÇÕES SOCIAIS

Preço, \$05 — Pelo correio, \$90

Pedidos acompanhados da respectiva importância a administração de A Batalha.

Obras de literatura, ciência e ensino

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

Adolfo Lima. — Educação e ensino... 1400 1415

Alfred Binet. — A alma e o corpo... 1400 1415

Alfredo Neves Dias. — Razão (poema social)... 1400 1415

Laisant. — Iniciação matemática... 1400 1415

Le bon. — Evolução geral da vida... 1400 1415

Manuel Ribeiro. — A vida social... 1400 1415

Clemente Jacquinet. — História Universal (2 vol.)... 1400 1415

Colson. — Organismo económico e desordem social... 1400 1415

Dante. — A ciência e a vida... 1400 1415

Dante. — Mecânica da vida... 1400 1415

Dastre. — A vida e a morte... 1400 1415

Ernesto da Silva. — Teatro livre e Arte social... 1400 1415

Faguet. — Iniciação literária... 1400 1415

Faguet. — Arte da ler... 1400 1415

Faguet. — Horror das responsabilidades... 1400 1415

Faguet. — Iniciação literária... 1400 1415

Faguet. — Arte da ler... 1400 1415

Faguet. — Horror das responsabilidades... 1400 1415

Faguet. — Iniciação literária... 1400 1415

Faguet. — Arte da ler... 1400 1415

Faguet. — Horror das responsabilidades... 1400 1415

Faguet. — Iniciação literária... 1400 1415

Faguet. — Arte da ler... 1400 1415

Faguet. — Horror das responsabilidades... 1400 1415

Faguet. — Iniciação literária... 1400 1415

Faguet. — Arte da ler... 1400 1415

Faguet. — Horror das responsabilidades... 1400 1415

Faguet. — Iniciação literária... 1400 1415

Faguet. — Arte da ler... 1400 1415

Faguet. — Horror das responsabilidades... 1400 1415

Faguet. — Iniciação literária... 1400 1415

Faguet. — Arte da ler... 1400 1415

Faguet. — Horror das responsabilidades... 1400 1415

Faguet. — Iniciação literária... 1400 1415

Faguet. — Arte da ler... 1400 1415

Faguet. — Horror das responsabilidades... 1400 1415

Faguet. — Iniciação literária... 1400 1415

Faguet. — Arte da ler... 1400 1415

Faguet. — Horror das responsabilidades... 1400 1415

Fag